



IDENTIDADES DIGITAIS EM UM CURSO DE LETRAS: UMA REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA INGLESA

DIGITAL IDENTITIES IN AN ART'S COURSE: A REFLECTION ABOUT ENGLISH LANGUAGE

Thaíssa Moreira Prado¹
João Fábio Sanches Silva²**Recebimento do texto:** 30/09/2016**Data de aceite:** 15/11/2016

RESUMO: Com o passar dos anos, com as mudanças na disseminação e armazenamento de informações e com os novos modos de organização social, uma mudança na maneira de ensinar e aprender línguas também parece ter ocorrido. Desta forma, os conceitos de identidade (BLOCK, 2007; NORTON PEIRCE, 1995; NORTON, 2000, 2005; PAVLENKO, 2002) passam a ser adotados a fim de entender as múltiplas relações imbricadas no processo de ensino de uma língua estrangeira. Desta forma, o presente artigo visa analisar até que ponto o uso das tecnologias digitais favorece o desenvolvimento de identidades digitais de um aluno de Língua Inglesa do curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Por pensar na língua não como um sistema de signos, mas sim como um instrumento social, dotado de poder e capaz de mudar as relações dos seus usuários na sociedade, este trabalho encontra-se no campo pós-estrutural, sendo esta uma pesquisa de cunho qualitativo. Os dados foram gerados no período de um semestre, por meio de questionário aberto, diário de bordo e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados sugerem que o uso dos meios digitais, tanto nos contextos de ensino de Língua Inglesa quanto em contextos sociais em que os aprendizes encontram-se inseridos, contribuem para o surgimento de novas identidades digitais. Além disso, foi por meio das tecnologias digitais que os aprendizes demonstraram-se mais investidos nas práticas da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade digital; Investimentos; Comunidades imaginadas.

ABSTRACT: Throughout the time, with the changes in the information storage and dissemination and with new ways of social organization, a change in teaching and learning languages seems to be occurred. Therefore, the identity conceptions (BLOCK, 2007; NORTON PEIRCE, 1995; NORTON, 2000, 2005; PAVLENKO, 2002) started to be adopted in order to understand the intertwined multiple relations in the foreign language teaching process. Thus, this article intends to analyze to what extent the technology use can benefit the digital identity development of an English language student from Letras program of Federal University of Mato Grosso do Sul. Thinking about the language not as a sign system but as a social instrument, powerful and able to change its users relationship in the society, this paper belongs to the poststructural field, so this is a qualitative research. Data was generated through the period of one semester by an open questionnaire, a diary and semistructured interview. The data suggest that the digital environment uses, not only in the English language teaching as in social contexts in which the learners are into contributes to the emergence of digital identities. Moreover it was by the means of digital technologies that the learners showed themselves more invested in the language practices.

KEYWORDS: Digital identity; Investments; Imagined communities.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: thaissamprado@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-graduação em Letras, nível de mestrado, e da graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: joaofabio@uems.br





A questão da identidade dos aprendizes de língua inglesa tem sido expandida no cenário brasileiro (CARAZZAI, 2013; LONGARAY, 2009; RAJAGOPALAN, 1998; SILVA, 2013). Porém, devido a expansão da internet e suas modificações no âmbito da informação e comunicação, e, conseqüentemente, no ensino de línguas, propomos aqui não somente uma abordagem de identidade e investimento de aprendizes de Língua Inglesa (LI), mas também de identidades e investimentos digitais.

Pensando neste cenário de construção identitária, o pretende artigo busca responder a seguinte pergunta de pesquisa: como os meios digitais podem afetar a construção identitária e os investimentos dos aprendizes de língua? Para entender as concepções de identidade e investimentos adotados neste trabalho, apresentamos a seguir uma breve revisão de literatura.

Considerações teóricas: a(s) identidade(s)

Há mais ou menos duas décadas atrás, a necessidade de entender o processo de aprendizagem do aluno de línguas surge na área de estudos de Aquisição de Segunda Língua (ASL)³. Para tanto, Norton Peirce (1995) buscava compreender de forma mais abrangente as identidades dos alunos de línguas, mas com vistas a uma teoria que integrasse os aprendizes de línguas e o contexto de aprendizagem. Até aquele momento, as teorias de aquisição de segunda língua apenas classificavam os aprendizes de forma binária, o que levava à compreensão de que bastava que o aluno estivesse motivado para que ele aprendesse uma língua. No entanto, neste mesmo artigo, Norton traz

³ Apesar de utilizar a ASL, o contexto de pesquisa aqui apresentado é o de Língua Inglesa como Língua Estrangeira.





uma concepção de identidade que busca entender os aprendizes de forma mais completa.

Desta forma, Norton Peirce (1995) busca na sociologia o conceito de identidade e o ressignifica para o seu contexto de investigação. Para a autora, o construto de identidade refere-se “ao modo que o indivíduo entende a sua relação com o mundo, como essa relação é construída por meio do tempo e do espaço e também como o sujeito entende as possibilidades para o futuro” (NORTON, 2000, p. 5). Ou seja, a identidade é construída e ressignificada ao passo que os indivíduos estabelecem suas relações sociais, e à medida que seus desejos e anseios são construídos.

A identidade é entendida aqui não como algo fixo, mas sim como fragmentada e contestada pela sua própria natureza (BLOCK, 2007). Ao adentrar novos ambientes socioculturais, os indivíduos entram em um período de desestabilidade e conflito para então encontrar um equilíbrio. Esse estágio é chamado de *negotiation of difference*, em que o presente e o passado se encontram e, assim, transformam um ao outro.

O resultado desse movimento são as fissuras, as lacunas e a contradição, ou seja, a ambivalência, que, segundo o autor, é primordial para discutir a identidade, já que se refere a “sentir-se parte e também à parte. É afirmação e negação simultâneas de tais sentimentos” (BLOCK, 2007, tradução nossa). Os movimentos, então, resultam em posições conflitantes. Daí Norton Peirce (1995) sugerir uma nova abordagem para entender a construção identitária dos aprendizes de línguas.





Outra autora que adota a perspectiva pós-estrutural para discutir identidade é Aneta Pavlenko (2002). Para ela, “*Identities* são vistas como construídas no e pelo discurso que fornece os termos em que identidades são expressas (performance identitária) e designa valores diferenciais a diferentes identidades ou posições subjetivas” (PAVLENKO, 2002, p. 284, tradução nossa). Além de explicitar que as identidades são construídas no discurso, a autora ainda afirma que as identidades designam “valores diferenciais”; isto é, fatores ligados ao fato de que nem todas as línguas têm o mesmo valor (BOURDIEU, 1995; PAVLENKO, 2002). Em outras palavras, as línguas têm os seus valores intercambiáveis nos diferentes contextos sociais em que são utilizadas.

Estes “valores diferenciais” são construídos pelos próprios participantes das sociedades, como proposto por Moita Lopes (2002):

A percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes nos processos de construção do significado na sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, o poder não é tomado como monolítico e as identidades sociais não são fixas. (MOITA LOPES, 2002, p. 55)

Assim, o discurso, as identidades e os valores diferenciais não são fixos nem mesmo pré-determinados nas comunidades. Todos são construídos e negociados pelos participantes da sociedade de acordo com suas posições subjetivas. É, então, no e pelo discurso que podemos resistir, mudar, contestar as identidades.





Além das línguas terem valores diferenciais, os falantes também o têm. Inspirada pelo trabalho de Bourdieu (1977), Norton (1995, 2000), entende que o valor da fala não pode ser atribuído separadamente de quem fala e a própria fala não pode ser considerada sem referência a um mundo social de relações (NORTON, 2000). Assim, as falas que podem não ser legitimadas em determinadas situações sociais, podem ser valorizadas em outras instâncias comunicativas e vice-versa.

A este respeito, Woodward (2014) afirma que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir do qual podem falar” (WOODWARD, 2014, p.18). Porém, Norton considera que nem todos têm o direito de falar, pois, para ela, nem toda fala tem valor, já que quem fala, fala de alguma posição social, e esta pode ser um lugar desprivilegiado.

Sendo assim, no momento do discurso ou da própria fala, os posicionamentos sociais e as identidades são assumidas. Bourdieu (1995) diz que nem todos têm direito ao discurso por não serem pessoas legitimadas, e, é então que Norton (2000) ressignifica este conceito, ampliando-o dizendo que nem todos têm o direito à fala, já que em seu estudo, muitas vezes, as participantes foram silenciadas por serem imigrantes.

Esse quadro de referência só pode ser entendido na relação identidade e poder simbólico. Para Norton (2000), as relações de poder não são invariáveis, mas sim mutáveis, e são renegociadas como recursos simbólicos e materiais à medida que a sociedade muda seu valor. Essas relações não funcionam apenas nas grandes instituições, mas sim no





cotidiano, desde o sistema escolar até os encontros casuais (NORTON, 2000). Ou seja, em uma sala de aula, as microrrelações de poder podem ter seu espaço, seja pela competência linguística maior ou pelo capital simbólico. A este respeito, Rajagopalan (1998) complementa alegando que,

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo. (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42)

Ou seja, assim como os indivíduos, as línguas também apresentam uma identidade que não é fixa e que está em constante estado de evolução. O fato de um indivíduo adquirir outra língua faz com que as identidades sejam reconstruídas, mantendo-se em um estado de fluxo. Neste sentido, parece ser por meio das línguas e dos discursos que os aprendizes podem ter acesso às identidades da língua, e, isto, implica em novas identidades.

Por fim, entendemos que os aprendizes de línguas têm identidades múltiplas, multifacetadas, fluídas, conflitantes, em constante mudança, que sofrem alterações de acordo com as interações sociais obtidas e que são constituídas pelos acessos que temos ou não aos discursos e ideologias. Dentro do contexto desta pesquisa, o aprendizado de línguas é entendido como uma atividade política, que sofre influências das relações de (micro) poderes, que podem fazer com que os aprendizes se silenciem ou que resistam aos discursos de poder.





Identidades digitais

Avanços tecnológicos mudaram o que é possível, ou não, de se imaginar (KANNO & NORTON, 2003). A chegada da Web 2.0 trouxe consigo uma abordagem colaborativa, e também o direito de fala daqueles que se encontram nos meios digitais. Assim, mudaram, além de tudo, o acesso à informação. Estas mudanças podem trazer também uma construção identitária relacionada aos meios digitais.

Para Lemos (2011, p. 43), o uso das TICs – Tecnologias da informação e comunicação – fazem parte da base de constituição de uma nova organização social pautada em auto-organização, colaboração e processos horizontais. Estes processos horizontais são, para Santaella (2010), a quebra da estrutura de hierarquia. Ou seja, o uso da internet não fornece as informações de “cima para baixo”. Ela traz consigo uma ideia de autoria. Na Web 2.0 os indivíduos podem ter voz, comentar, compartilhar e dar sua opinião em sites, redes sociais, entre outros. Assim, há uma interação entre pessoas dos mais diversos lugares do mundo; daí dizer que a internet expandiu o que antes era inimaginável.

Para Appadurai (2005), mais do que nunca, as pessoas conseguem imaginar que eles mesmos ou seus filhos irão morar ou trabalhar em lugares diferentes do que a sua cidade natal. Para o autor, este fato só é possível, pois a mídia eletrônica tem afetado nosso poder de imaginação. Podemos dizer, então, que os meios digitais afetam o modo como entendemos nossas possibilidades para o futuro, ou seja, afetam nossas comunidades imaginadas.





Para os aprendizes de línguas, os meios digitais têm proporcionado oportunidades de envolvimento em atividades na língua alvo. Para Thorne *et al.* (2015), “os ambientes digitais têm aberto possibilidades para configurações de engenharia comunicativa para o aprendizado de segunda língua (L2) bem como para interação intensiva na língua em comunidades bi- e multilinguais preexistentes” (THORNE, 2015, p. 216, tradução nossa). O que antes era possível apenas em salas de aula, hoje é possível por meio de netbooks, tablets, smartphones (LEMOS, 2011). Por isto, o debate acerca das tecnologias digitais aplicadas ao ensino de línguas vem crescendo (COPE & KALANTZIS, 2000; SANTAELLA, 2010; LEMOS, 2011; GEE, 2000).

A este respeito, Rojo (2013) afirma que a emergência de novas mídias e de novas tecnologias permitem novos usos concomitantes de linguagens ou semioses diversas. Daí o crescente interesse da área de linguagens pelo uso das tecnologias digitais no ensino. Além disso, Gee (2000) argumenta que estamos vivendo em uma era de mudanças, de novas formas de aprender. Estas mudanças vêm criando novas relações entre as esferas da família, escola, negócios e ciências. E o maior propulsor destas mudanças é a tecnologia digital ou as redes sociais.

Por outro lado, Bonilla & Oliveira (2011) indicam que há uma luta para a inclusão digital dos indivíduos desprovidos de dinheiro. Ao mesmo tempo em que as TIC incluem parte da população no processo de compartilhamento e produção digital, há também um desfavorecimento daqueles que não têm acesso às tecnologias. Para os autores, a noção de inclusão digital focaliza a transformação pessoal e não somente o uso da





tecnologia em si. Ou seja, o uso da tecnologia digital é capaz de transformar as vidas das pessoas, e é neste sentido que devemos entendê-las.

Apesar de existirem vários estudos envolvendo tecnologias digitais, muito pouco é visto sobre identidades digitais. Assim, a maioria das pesquisas envolvem letramentos digitais, multiletramentos, mas não abordam o tema identidade. O presente trabalho propõe discutir um conceito de identidade digital que integre as influências dos meios sociais nos digitais e vice-versa, bem como os reflexos nas comunidades imaginadas e nos investimentos dos aprendizes de língua.

Em um estudo sobre identidades digitais, Koosel (2013) define identidades digitais como sendo “quem falamos que somos quando estamos online” (KOOSEL, 2013, p. 154, tradução nossa). Ou seja, a identidade digital aqui é entendida como aquilo que falamos sobre nós mesmo nos meios digitais. Esta afirmação traz a ideia de que as identidades digitais são desconectadas de nós quando estamos offline. Assim, ao desconectar da internet, desconectamos também da nossa identidade digital.

Para Koosel (2013), “um indivíduo pode usar uma identidade online para agir como uma extensão de sua identidade offline, ou eles podem usar uma identidade online para mascarar, alterar suas identidades offlines e tornar-se alguém ou alguma outra coisa” (KOOSEL, 2013, p. 155, tradução nossa). Neste sentido, Koosel (2013) entende identidade digital como uma identidade aparte ou uma extensão da identidade offline dos indivíduos, sendo uma forma de os indivíduos tornarem-se outras pessoas.





Santaella (2010) defende que a relação entre o eu e o(s) outro(s) fica rodeada de ambiguidades no ciberespaço, o que promove a construção múltipla dos eus e identidades nos espaços plurais que a internet propicia. Para a autora, a internet se configura como um mecanismo de subjetivação, pois por meio dela temos acesso a diferentes ideologias (SANTAELLA, 2010, p. 290). Desta forma, as identidades digitais não devem ser consideradas desconectadas das nossas identidades, pois ela também constitui nossa subjetividade, nosso senso de nós mesmos (WEEDON, 1997). Ou seja, a linha entre o eu online e o eu offline parece não existir, já que a internet é um meio de subjetivação e a subjetividade é o que constitui os indivíduos como seres sociais.

De acordo com Koosel (2013), os indivíduos criam uma identidade digital para que possam participar de uma comunidade online, por exemplo, em que podem usar suas informações reais, em outros contextos podem modificar seus interesses ou fazer de sua identidade uma ficção (KOOSEL, 2013, p. 157). Ou seja, o autor entende a identidade digital como o modo que as pessoas se apresentam nas redes sociais, podendo ser diferente em cada uma delas. Então, os indivíduos podem escolher publicar informações reais ou falsas sobre si mesmos.

Já para Lee (2014), os meios digitais têm tido um importante papel na geração de cultura e conhecimento, que acabam por estruturar o aprendizado e proporcionar identidades multifacetadas. Nas palavras do autor:

A fusão de redes e ferramentas de mídias digitais deu origem a *networked publics*, nos quais jovens têm um papel ativo em





comunidades sociais para gerar e compartilhar cultura e conhecimento, que por sua vez irá ativar e estruturar seu aprendizado e identidade. Recentemente está emergindo um tipo de público através do qual jovens podem expor suas redes de conexões para “públicos mais amplos” e também envolver-se em diferentes públicos simultaneamente (exemplo, escola local e contextos online), moldando uma identidade multi-facetada. (LEE, 2014, p. 153, tradução nossa)

Assim, o contato com os meios digitais, não favorecem a emergência apenas de uma identidade, mas sim de várias, que, por vezes, poderão entrar em conflito (DARVIN & NORTON, 2015; NORTON, 2000; SANTAELLA, 2010). Além disso, ao envolver-se em diferentes públicos, os aprendizes podem ter suas comunidades imaginadas ampliadas, já que novas visões lhes são apresentadas.

Importante ressaltar que como as TICs compõem um espaço de comunicação dinâmico e em constante expansão, no qual fluem processos sociais, econômicos, políticos, culturais e subjetivos (LEMONS, 2011, p. 43), essas representam mais um lugar de veiculação de ideologias, que por sua vez interpelam os sujeitos e ajudam a construir as identidades dos mesmos. Daí dizer que o contato com os meios digitais pode fazer emergir identidades digitais.

Diante do exposto, entendemos que a identidade digital não é nem real nem imaginada. Ela se localiza em um entre-espaço da nossa subjetividade; compõe apenas uma das nossas inúmeras identidades. Não há um determinado momento do dia que as acessamos – por exemplo, quando estamos online – mas sim em todos os momentos, em todos os lugares. Buscamos, então, compreender como o meio digital influencia não somente





nas práticas na internet, mas sim nas práticas reais de uso de línguas dos participantes da pesquisa. Além disso, a relação aqui não é entendida apenas como se o meio digital influenciasse as identidades digitais, mas sim as relações sociais de dentro e de fora da internet.

Em suma, entendemos identidade digital como as identidades que emergem por meio do contato com as tecnologias digitais. Tais identidades podem ampliar o que era até então imaginado, pois expande o horizonte de expectativas de seus usuários. Além disso, a internet e as tecnologias digitais propiciam também a construção da nossa subjetividade, já que veicula várias ideologias. Estas identidades ligam-se ao conceito de investimento à medida que com a expansão das comunidades imaginadas, os aprendizes de línguas, podem investir mais na língua alvo.

Alexandre: identidades mutáveis e em conflitos

A necessidade por entender essas identidades digitais emergiu durante a geração dos dados, realizada com Alexandre, um estudante do último semestre do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, no período em que um dos autores deste texto trabalhou na instituição como professora substituta de Língua Inglesa. Esta pesquisa, de base qualitativa e de cunho interpretivista, adotou a utilização de um questionário aberto e entrevistas semi-estruturadas para gerar os dados.

Alexandre é um jovem de 21 anos de idade, do curso de Letras da UFMS, que chamou a atenção pela sua paixão pela língua Inglesa e também pela cordialidade com a pesquisadora. Ele parece apresentar as ‘identidades em ebulição’, como descritas por Rajagopalan (2002). Desde muito novo,





Alexandre diz ter uma paixão pela LI, pois escutava sua mãe ouvindo flashbacks em casa e quando saía com os amigos e o levava junto. Os primeiros contatos dele com a língua se deram por meio destas músicas, que ele adorava, e depois disso, por meio das aulas na escola.

De acordo com Alexandre, seu primeiro contato formal com a LI foi bem gramatical. Mas começou a melhorar na sexta série, quando ele entrou em um curso de inglês. Segundo ele,

A: Isso na quinta série. Aí na sexta série foi que começou a melhorar um pouquinho, porque eu já era louco por inglês desde quando era pequeno, antes mesmo de ter língua inglesa, eu já era louco aí eu falei: “Mãe me coloca no curso de inglês”, aí ela ponderou bastante, demorou, demorou, aí na sexta série me colocou que aí eu já tomei outro rumo, né, aí eu, literalmente, gostei, na particular. (Alexandre, entrevista, 2016)

Para Bauman (2005), as identidades são construídas por meio das relações sociais de seus sujeitos. Assim, a aparente “loucura” de Alexandre pela LI pode ter sido construída pela relação que este tem com sua mãe. A pesquisadora observou durante as aulas e em conversas informais com Alexandre que ele tem uma relação muito boa com sua mãe. Talvez o fato de ela gostar de flashbacks, cantados principalmente em inglês, tenha influenciado positivamente a construção identitária de Alexandre como aprendiz do idioma. Deste fato, surge a brincadeira de “cantar errado em inglês” e também a vontade de aprender a falar inglês.

Apesar de Alexandre dizer que apenas na sexta série ou no curso particular de línguas quando sua relação com a LI começou a melhorar, a sua





ideia inicial ao cursar Letras era para se tornar tradutor. Segundo Alexandre,

Na verdade, meu objetivo principal era bacharelado em Letras, devido a minha enorme vontade de ser tradutor e também por gostar muito de línguas estrangeiras, não somente o inglês. Entretanto, na UFMS só havia licenciatura, e como havia passado no ENEM, e nem louco iria pagar uma faculdade particular (até porque minha mãe não toparia) eu encarei. E confesso que gostei de ser professor. (Alexandre, questionário, 2016)

Apesar de ter como objetivo inicial trabalhar com tradução e ficar desesperado ao saber que vai dar aula, Alexandre se adapta às novas circunstâncias que lhe são oferecidas. De acordo com Rajagopalan (2003), as identidades estão a todo o momento sendo reconstruídas; estão em constante estado de ebulição e transformação. Ademais, elas são adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que surgem.

Desta forma, as identidades de Alexandre se adaptam ao curso de Letras e à licenciatura, depois que ele entende que uma língua apresenta aspectos mais profundos do que meramente a gramática ou tradução. Ele ainda recorda que, “entrei aqui no curso de letras que me deu uma outra visão de língua, língua não é só a tradução a língua tem aspectos mais profundos, esses aspectos que eu gostaria de estudar nas línguas” (Alexandre, entrevista, 2016). Ou seja, o curso de Letras parece apresentar um novo modo de pensar sobre as línguas, o que acaba por modificar as identidades de Alexandre. Agora, Alexandre transita entre os diferentes modos de aprender uma língua.

As mudanças parecem, contudo, não parar por aí. Em uma aula de Prática de ensino, “o professor falou assim: “Vocês vão dar aula”, eu falei





assim: “Ai meu deus” (Alexandre, entrevista, 2016). A ideia de ministra uma aula parecia assustar Alexandre em um primeiro momento, mas com o passar do tempo, ele assume tal identidade e afirma: “Já me tornei professor” (Alexandre, entrevista, 2016). Talvez esta tenha sido uma das identidades que Bauman (2005) diz ser lançadas pelas pessoas em nossa volta. O medo de Alexandre foi diminuído após um primeiro contato com uma sala de aula como professor. Este contato ocorreu em uma aula de substituição que ele fez a pedido de uma professora do curso de Letras.

Além de uma identidade que mudou com o tempo, o trecho acima descrito denota também um conflito identitário. Tal conflito é demonstrado pelo fato de Alexandre se desesperar ao saber que iria dar aula, mesmo já estando em um curso de licenciatura. Até mesmo a escolha do curso foi conflituosa, já que primeiramente, Alexandre queria fazer Engenharia Mecânica e não Letras. Ele afirma que a opção por Engenharia era de sua mãe, que acreditava que seria uma profissão que renderia mais dinheiro. Apesar disso, o participante também diz que queria fazer o curso para poder trabalhar com a área de computação, que é uma de suas áreas de interesse.

Norton Peirce (1995) defende que as identidades são constantemente uma área de conflitos. Por meio dos dados de Alexandre, percebemos que esse conflito é presente desde antes mesmo da escolha do curso, visto que a sua primeira opção não era Letras. Segundo ele,

Ela [sua mãe] queria que eu entrasse numa faculdade que ia dar dinheiro, aí no terceiro ano do ensino médio que mudou bastante eu comecei a ficar mais interessado em língua portuguesa, de todas as matérias língua portuguesa era a que mais tinha





interesse que as aulas eram diferentes. (Alexandre, entrevista, 2016, grifos meus)

Este interesse de Alexandre surge nas aulas de Língua Portuguesa, pois o professor de seu terceiro ano do Ensino Médio levava temas polêmicos para a sala de aula, tanto para que eles produzissem textos quanto para fazer a interpretação. Então, as pesquisas sobre a gramática e as aulas na escola fizeram com que Alexandre mudasse sua opção de curso. O conflito inicial é o de que o curso de Engenharia proporcionaria mais capital, mas, ao mesmo tempo, não é algo pelo qual ele era tão interessado. Por outro lado, havia a Língua Portuguesa, Inglesa e Espanhola, pelas quais, Alexandre apresentava interesse.

Para Hall (2014), os sujeitos não apresentam uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas assumem diferentes identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Com o passar do tempo, as identidades de Alexandre vão se modificando. Elas passam por vários conflitos até que ele assume a identidade de professor. Estes diferentes momentos fazem com que Alexandre seja aprendiz de língua em determinados momentos, mas professor em outros.

Alexandre continua estudando línguas. Desta vez, ele tem investido no Alemão por meio de cursos na internet ou aplicativos. Alexandre passou a dar aula no IsF⁴ e no Projele⁵, ambos da UFMS. O fato de ele gostar de LI

⁴ IsF é um programa de cursos de idiomas financiado pela CAPES para alunos que pretendem fazer intercâmbio pelo Ciências sem fronteiras.

⁵ O Projele é um projeto de extensão da UFMS que oferece cursos de idiomas para a sociedade tanto acadêmica quanto externa.





desde muito cedo e seu contato com um bom professor de língua Portuguesa parecem ter influenciado na sua decisão pelo curso de Letras. Após isto, os conflitos identitários e a chance de estar em uma sala de aula e os conflitos fizeram com que novas identidades emergissem.

Identidades que emergem: uma abordagem sobre identidades digitais

Appadurai (2005) argumenta que os meios digitais têm afetado o nosso poder de imaginação. Agora, é mais fácil para as pessoas imaginarem-se morando em outro país, pela forma como a mídia eletrônica afeta nossas comunidades imaginadas e também identidades. Por meio do aprendizado de línguas pelo Duolingo, Live Mocha e jogos online, Alexandre tem as suas comunidades imaginadas expandidas. Para ele, as interações virtuais nos games ocorrem com frequência e tornaram-se um mecanismo de aprendizado da línguas. Ao ser questionado sobre o que o ajudava a aprender línguas, Alexandre respondeu que,

A: Principalmente jogos online, porque ele te força, porque ele tem um vocabulário específico, né, principalmente de magia, poderes, ataques, as armas, né, até o mesmo / o jogo que eu to jogando os personagens, as falas dos personagens, tem um que o sotaque é texano puro, sabe?, aquele caipira? Então isso força, isso também me ajuda bastante.(Alexandre, entrevista, 2016)

Além deste vocabulário específico do game, Alexandre também utiliza ferramentas para poder conversar com outros usuários da LI ao redor do mundo. Para isto, ele utiliza tanto o Skype como o Team Speaker. Desta forma, ao jogar online, Alexandre tem a oportunidade de utilizar a LI como um usuário dela. Este fato somente é possibilitado por causa do uso da





internet, caso contrário, seu acesso e investimento na língua alvo seria muito menores.

Thorne *et al.* (2015) pondera que “os ambientes digitais têm aberto possibilidades para configurações de engenharia comunicativa para o aprendizado de segunda língua (L2) bem como para interação intensiva na língua em comunidades bi- e multilinguais preexistentes” (THORNE, 2015, p. 216, tradução nossa). Esta interação com os games é também uma nova forma de interação intensiva na língua alvo para Alexandre. Elas configuram a oportunidade de conversar com nativos da língua e praticá-la ao mesmo tempo. Tudo isso é possibilitado por esta nova engenharia comunicativa.

Além do inglês, Alexandre ainda diz que é apaixonado por línguas e para aprendê-las ele utiliza alguns sites e aplicativos. No momento, ele busca aprender Alemão. Para isto, ele parece utilizar a LI como base já que os aplicativos que ele acessa não apresentam a possibilidade de utilizar a língua portuguesa. O fato de ele utilizar a LI como base só é possível pois Alexandre parece ter assumido a identidade de usuário da língua desde muito novo, conforme exposto na seção anterior, com também os jogos online, que o ajudam a aprender cada vez mais a LI.

Na entrevista, ao ser questionado sobre os instrumentos que utiliza para aprender línguas, Alexandre cita duas fontes de aprendizagem, ambas plataformas online: “tem o Duolingo que eu tô aprendendo, tem o LiveMocha que é também um site parecido com o Duolingo, mas é também a mesma visada introdutória, mas já trabalha com outros aspectos, trabalha com mais vocabulário que o Duolingo” (Alexandre, entrevista, 2016). Assim, os meios





digitais parecem desenvolver as competências linguísticas de Alexandre em relação à língua.

Ao argumentarmos sobre uma identidade que emergia pelo contato com os meios digitais, Alexandre parece ter assumido uma identidade de aprendiz de línguas capaz de aprendê-las pois utiliza os meios digitais. Ou seja, os meios digitais parecem ter favorecido a emergência de uma nova identidade. Esta não representa uma identidade ou um perfil online, por exemplo, mas sim uma identidade que surge por causa dos meios digitais. Caso Alexandre não tivesse acesso ao Duolingo ou LiveMocha, esta identidade ainda que imaginada de usuário de língua talvez não tivesse emergido. Assim, acreditamos que estas identidades de Alexandre não seriam possíveis, senão pelo contato com os meios digitais.

Acreditamos que estas identidades emergem, dentre outros fatores, pelo contato com os ambientes digitais, não somente os de aprendizagem, mas sim por todos aqueles que estão disponíveis aos usuários da internet. Para Alexandre, os aplicativos que proporcionam o aprendizado de línguas representam o que Gee (2000) diz ser uma nova forma de se aprender línguas. A partir disto, emergem também novas comunidades imaginadas, como é o caso de Alexandre. Após começar a aprender Alemão por meio de um aplicativo, ele projeta uma viagem para Alemanha como uma possibilidade futura.





Considerações finais

O conceito de identidade permite compreender Alexandre como tendo identidades complexas e em conflito. Além disso, o construto possibilita também entender a história social complexa de Alexandre como um usuário da Língua Inglesa e também aprendiz de línguas. Conforme as relações sociais e com a língua vão acontecendo, as identidades de Alexandre mudam e se adaptam as novas circunstâncias de sua vida. Ou seja, ele passa de aprendiz de línguas para um professor de línguas.

Essas mudanças sociais foram complexas e representaram conflitos para Alexandre, já que ele não se imaginava professor. No entanto, as identidades em seu estado de fluxo fizeram com que Alexandre não somente se tornasse professor, mas também assumisse tal identidade. Para isto, foi necessário que ele investisse em práticas da língua nos meios digitais, o que parece ter favorecido a emergência de novas identidades digitais.

Embora Alexandre já se considere um usuário da Língua Inglesa, ele continua realizando investimentos por meio dos jogos online e de plataformas digitais de aprendizado de línguas. Estas plataformas possibilitaram a Alexandre o surgimento de novas identidades, ou seja, a identidade de aprendiz de alemão. Desta forma, quando Alexandre investe nas línguas pelos meios digitais, ele o faz por acreditar que assim irá adquirir maior capital cultural e simbólico, fazendo emergir identidades digitais. Assim, os dados sugerem que a identidade usuário do alemão emerge, pois a internet expandiu o que para ele antes era inimaginável.





Referências

ANDEMA, S.; KENDRICK, M; & NORTON, B. (2013). **Digital literacy in Ugandan teacher education: Insights from a case study**. Reading & writing 4(1), Art. #27. 8 pages.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: Cultural dimensions of globalization**. University of Minnesota Pres: 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Language and symbolic power**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

DARVIN, Ron; NORTON, Bonny. **Identity and a model of investment in Applied Linguistics. Annual Review of Applied Linguistics**. (Vol. 35) (pp.36-56). Cambridge University Pres: 2015. Disponível em:<http://journals.cambridge.org/action/displayFulltext?type=1&fid=9610583&jid=APL&volumeId=35&issueId=-1&aid=9610578>

DERRIDA, Jacques. **Différance**. Disponível em: <http://projectlamar.com/media/Derrida-Differance.pdf>

LEE, Jang Ho. **An exploratory study on the digital identity formation of Korean university EFL learners**. English Teaching: practice and critique. (vol 13) (pp.149 – 172)

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. Revista DELTA, vol. 10, nº 2, 1994. p. 329 – 338.

MORGAN, B. (2007). Poststructuralism and applied linguistics: Complementary approaches to identity and culture in ELT. In J. Cummins &





C. Davison (Eds.), **International handbook of English language teaching** (Vol. 2) (pp. 949-968). Norwell, MA: Springer Publishers.

NORTON, B. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. Pearson: 2000.

NORTON, B. **Identity and Language Learning: Extending the conversation**. 2nd edition. Multilingual matters: 2013.

NORTON, B. eGranary and Digital Identities of Ugandan Youth. In: K. Sanford et al. (eds.), **Everyday Youth Literacies, Cultural Studies and Transdisciplinarity in Education**, 2015.

PAVLENKO, Aneta. Poststructuralist Approaches to the study of social factors in Second Language Learning and Use. In: COOK, Vivian. **Portraits of the L2 user**. Multilingual Matters: 2002. Disponível em: http://astro.temple.edu/~apavlenk/pdf/Poststructuralist_approaches_2002.pdf

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROJO, Roxane (org.) **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

THORNE, Steven L; SAURO, Shannon; SMITH, Bryan. **Technologies, Identities and Expressive Activity. Annual Review of Applied Linguistics**. (Vol. 35) (pp. 215-233). Cambridge University Press: 2015.

NOTA DOS EDITORES: O conteúdo deste texto é exclusivamente de responsabilidade de seus respectivos autores.

